FANTASMAS DE 1968[1]

FORREST HYLTON

03/09/2024

“E dirão que estamos perturbando a paz.
Não há paz. O que os incomoda é que
estamos perturbando a guerra”
Howard Zinn, Boston Common, 1971.

Em 17 de abril, ao amanhecer, estudantes da Universidade Columbia acamparam no gramado em frente à Biblioteca Butler, exigindo que sua instituição recusasse investimentos de empresas cúmplices na guerra genocida de Israel. Na tarde seguinte, a administração começou a suspender estudantes e convocou o NYPD (Departamento de Polícia de Nova Iorque), que desmontou o acampamento. Outro foi rapidamente montado. O corpo docente foi informado de que, por estar em estado de emergência, a Columbia havia substituído suas políticas padrão por medidas especiais, que incluíam a circulação de panfletos para ameaçar os manifestantes com prisão ou expulsão. Diante da repressão, em 30 de abril, um pequeno grupo de manifestantes – talvez algumas dezenas – ocupou Hamilton Hall, assim como os estudantes haviam feito no mesmo dia em 1968.Eles o renomearam para Hind’s Hall, em homenagem a Hind Rajab, uma menina palestina de seis anos morta pelas IDF(exército de Israel) no final de janeiro, e exibiram uma faixa com a inscrição ‘Educação para Libertação’ na janela do segundo andar, de onde se avistava Amsterdam e 116th St.

FORREST HYLTON é historiador, autor de A Revolução Colombiana (editora Unesp), professor visitante no Programa de Pós-Graduação em História da UFBA.

1. Originalmente publicado em: https://newleftreview.org/sidecar/posts/ghosts-of-68.Tradução revisada por Carlos Henrique Árabe e Clarisse Paradis. Publicação autorizada

pelo autor, a quem
agradecemos.

Quando a autocensura nas universidades dosEUA falha – o que raramente ocorre, como Edward Said observou três décadas atrás – a censura aberta toma conta. No entanto, poucos estavam preparados para a rapidez ou brutalidade da resposta policial administrativa-política. Com acampamentos surgindo em todo o país, uma série de operações policiais ocorreu de 30 de abril a 3 de maio, em campi incluindo UT-Austin, UT-Dallas, Emory, USC, UCLA, UCSD, Emerson College, Northeastern, Dartmouth College, Washington University, Arizona State, University of Arizona, University of Wisconsin-Madison, University of Virginia, Virginia Tech, Portland State, SUNY-Stony Brook, Cal Poly Humboldt, Ohio State e Indiana University (ambas viram atiradores posicionados em telhados).

Mais de 2.400 pessoas foram presas. Steve Tamari, professor de história da Universidade Washington, foi espancado até perder a consciência e hospitalizado por filmar a polícia durante seu ataque. Na mesma manifestação, Jill Stein, candidata presidencial de 74 anos pelo Partido Verde, foi agredida, presa e acusada de agredir um oficial. Em Dartmouth, Annelise Orleck, historiadora do trabalho de 65 anos e presidente dos Estudos Judaicos, foi derrubada pela polícia de choque, que cortou sua respiração antes de algemá-la e levá-la para a prisão. A faculdade posteriormente a proibiu de entrar no campus onde trabalhava há trinta anos.

As agências federais de aplicação da lei evidentemente estavam coordenando com a polícia da cidade, estado, condado, rodovia e campus; o governador de New Hampshire afirmou isso. Na UCLA (Universidade da Califórnia Los Angeles), um grupo de manifestantes pró-Israel atacou o acampamento de solidariedade a Gaza enquanto a LAPD (Departamento de Polícia de Los Angeles) assistia (um padrão que desde então tem sido replicado nacionalmente).

No dia seguinte, centenas de policiais antidistúrbios dispararam balas de borracha, gás lacrimogêneo e granadas de atordoamento contra os estudantes, desmantelando as tendas e prendendo mais de duzentas pessoas, incluindo cerca de duas dezenas de professores, por acusações desconhecidas.

Os estudantes do CCNY, a principal universidade pública de Nova York, inicialmente conseguiram expulsar o NYPD do campus da cidade alta. No entanto, eles retornaram mais tarde com força total, impondo uma ocupação militar que viu os acampamentos destruídos e os manifestantes detidos. Na NYU (Universidade de Nova Iorque), a polícia invadiu o local da manifestação na Gould Plaza e prendeu mais de 130 pessoas, incluindo alguns professores que tentavam entrar em seus escritórios, por invasão.

O acampamento foi reerguido dias depois, mas nas primeiras horas de 3 de maio o NYPD o destruiu e prendeu uma dúzia ou mais de manifestantes. O mesmo padrão de eventos ocorreu na New School.
Com dezenas de veículos quase-militares mobilizados, e a cidade inteira com bloqueios fechados, a polícia de choque ocupou os campi de Nova York, brutalizando qualquer um que percebessem estar em seu caminho. Columbia permanecerá sob lockdown policial até 17 de maio. Sua cerimônia de formatura foi cancelada e algunsdos detidos enfrentarão acusações criminais. O NYPD alega que aproximadamente 30% dos detidos em Columbia não são estudantes, enquanto no CCNY o número é dito ser de 60% – incluindo alguns supostos jihadistas que ainda não foram nomeados.

Stanford enviou uma fotografia de um suspeito de "terrorista" ao FBI. Estudantes e funcionários têm sido objeto de vigilância constante e assédio administrativo implacável, com Columbia chamando agentes federais e investigadores privados. Mudanças de política e medidas disciplinares geralmente foram anunciadas a posteriori, por e-mail ou panfletos, sem transparência ou responsabilidade. Na NYU, um acadêmico em início de carreira foi suspenso por remover um pôster pró-Israel de uma parede. Políticos de ambos os partidos ajudaram a alimentar a histeria, com os democratas desempenhando um papel de liderança. O presidente Biden declarou os protestos como antissemitas e acusou os estudantes de causar "caos".

Do plenário do Senado, Chuck Schumer chamou os estudantes de "terroristas". A Câmara dos Representantes votou que slogans em apoio à libertação palestina constituíam discurso de ódio antissemita e, portanto, ilegal. Parlamentares de Nova York introduziram o Columbia Act bipartidário, que promete criar uma comissão federal no Departamento de Educação para supervisionar monitores de "antissemitismo" aprovados pelo governo.

O prefeito de Nova York, Eric Adams, realizou uma conferência de imprensa onde criticou os "agitadores externos" e enfatizou a importância de identificá-los através da Unidade de Inteligência e Contraterrorismo, em coordenação com a administração de Columbia. Rebecca Weiner, professora adjunta na Escola de Assuntos Internacionais e Públicos de Columbia, atualmente atua como Comissária Adjunta dessa unidade – que tem um escritório em Tel Aviv, onde estuda táticas de controle de multidões e tecnologias de vigilância com a segurança de estado de Israel. Adams observou que Weiner estava 'monitorando a situação' no campus e merecia crédito pela operação do NYPD.

O que explica a escala dessa resposta? O semestre termina entre o final de abril e meados de maio. Por que não esperar os acampamentos acabarem, negociando e oferecendo concessões simbólicas para ganhar tempo? Isso é, em parte, reflexo das

mudanças que as universidades, assim como muitas outras instituições, passaram durante décadas de neoliberalização. Na metade dos anos 1970, os republicanos identificaram as universidades públicas como uma fonte crucial de sentimento antiautoritário e exigiram uma reforma institucional completa.

O subsequente processo de privatização, que tornou as mensalidades proibitivas para a maioria dos potenciais estudantes do estado, tem sido catastrófico para os princípios e práticas democráticas. Com doações maciças e não tributadas chegando a dezenas de bilhões, as universidades têm lentamente se transformado em estados policiais-carcerários públicos-privados, atendendo a 'clientes' e respondendo a benfeitores e políticos, não a estudantes ou professores.

Em Columbia, cujo fundo patrimonial é de $13.6 bilhões, os estudantes devem pagar $90.000 por ano mais despesas de viagem – um aumento dramático desde a década de 1980. Os cargos administrativos e os salários aumentaram em relação aos dos professores, e o número de não titulares cresceu constantemente.

Nacionalmente, três quartos dos professores não são titulares e, portanto, não têm liberdade acadêmica. A minoria privilegiada de professores titulares não fez nada para combater essa tendência, nem participou dos esforços dos adjuntos para se sindicalizar, já que o sistema atual lhes permite tirar licenças de pesquisa e sabáticas. Agora, o próprio titular – sob ataque de políticos republicanos, conselhos de curadores e administrações universitárias – parece improvável de sobreviver. Os últimos anos têm visto um aumento no ativismo sindical entre estudantes de pósgraduação e professores adjuntos, alguns dos quais conseguiram conquistar direitos de negociação coletiva, mas estão longe de redemocratizar a academia.

Foi o pós-11 de setembro, no entanto, que trouxe a universidade neoliberal mais profundamente para os braços da segurança nacional do estado. Na preparação acelerada para a segunda invasão do Iraque, os campi viram uma nova onda de organização política envolvendo estudantes e professores, incluindo a formação de grupos como Historiadores Contra a Guerra (que permanece ativo até hoje).

A campanha Boicote, Desinvestimento e Sanções foi fundada em 2005 e ganhou força no final do segundo mandato de Bush, atraindo a ira das administrações universitárias. Ao mesmo tempo, acadêmicos radicais enfrentaram maior investigação e frequentemente vigilância direta. Alan Dershowitz, após ser exposto como plagiador por Norman Finkelstein, usou suas conexões para impedir a promoção de Finkelstein em DePaul. Finkelstein nunca mais encontrou trabalho acadêmico. Aijaz Ahmed, um crítico proeminente do império dos EUA, foi demitido da York University em Toronto por seus escritos sobre a Palestina.

Talvez o caso mais emblemático tenha sido o de Sami Al-Arian, professor de ciência da computação na University of South Florida, que trabalhou na Casa Branca de Clinton e que foi alvo de vigilância federal devido ao seu ativismo. Em 2003, ele foi falsamente acusado de fornecer ‘apoio material’ aos ‘terroristas’ do Jihad Islâmico, demitido do seu emprego, mantido em confinamento solitário por três anos e perseguido pelos tribunais. Os procuradores federais não conseguiram condená-lo em um único caso. A única evidência que apresentaram foram declarações públicas e escritos de Al-Arian sobre a libertação palestina. Em 2014, o governo retirou todas as acusações contra ele, e ele foi deportado para a Turquia no ano seguinte.

Outro fator crucial é a influência dos chamados ‘decisores’: uma classe de doadores bilionários, muitas vezes operando através de políticos ou membros de conselhos, com o poder de forçar mudanças institucionais ou demitir pessoas ameaçando reter financiamento.

À medida que as universidades se tornaram mais parecidas com corporações, cujos principais deveres são para seus acionistas, os administradores tornaram-se cada vez mais maleáveis diante dos doadores e de seus representantes. Presidentes podem ser forçados a renunciar mesmo quando têm forte apoio de estudantes e professores, como em Harvard; ou, ao contrário, podem ignorar uma oposição interna significativa porque têm apoiadores externos, como em Columbia. (Um dos principais decisores lá é o doador democrata Robert Kraft, proprietário do New England Patriots, que respondeu aos protestos revogando uma doação e colocando anúncios de página inteira nos principais jornais que denunciavam “ódio antissemita” e exigiam maior “proteção” nos campi).

Após o crash financeiro de 2008, a austeridade tornou-se a ordem do dia para todos, exceto banqueiros, grandes empresas de tecnologia e investidores, e as universidades públicas foram privadas de financiamento.

Bolsas de estudo e ativismo antiimperialistas em geral recuaram, mesmo quando Obama intensificou os ataques de drones no Afeganistão e no Paquistão, enquanto abria novas frentes na Líbia, Síria, Iêmen e Somália. Seu governo foi crucial para consolidar a relação entre o setor de ensino superior e o establishment democrata. Em 2012, seus principais doadores de campanha foram professores, funcionários, estudantes, ex-alunos e administradores da UC Berkeley, com Harvard e Stanford não muito atrás. A erupção do BlackLives Matter em 2014-15 fez pouco para mudar essa tendência e pode até mesmo tê-la acelerado.

Na medida em que foi sobretudo um movimento nunca representou uma ameaça à ala Clintonista do partido, muito menos à classe de doadores. Apenas ajudou a

transformar o credo da diversidade, equidade e inclusão em políticas mais rígidas e restritivas usadas, especialmente pelos departamentos de recursos humanos, para manter as pessoas na linha.

As universidades agora se tornaram fábricas onde a ideologia Democrata é produzida em massa e disseminada nos meios de comunicação, esferas culturais, de entretenimento, tecnológicas e científicas. Ao apontar isso, e ao enquadrar desonestamente as instituições de ensino superior como insuficientemente apoiadoras de Israel, os Republicanos esperam reforçar suas credenciais 'antielitistas' e mirar em um local-chave de poder democrata.

Quando os presidentes das universidades foram convocados perante legisladores republicanos para responder a uma série de perguntas cínicas sobre 'discurso de ódio' nos campi, eles já haviam cortado o galho em que precisavam se apoiar há muito tempo. Depois de passarem décadas silenciando críticas a Israel, eles não puderam invocar os direitos da Primeira Emenda ou a autonomia acadêmica. Em vez disso, simplesmente tentaram cumprir com as restrições impostas pelos republicanos.

Evidente, como Trotsky observou, ser amigável com fascistas em potencial raramente funciona. Não há passos que os presidentes das universidades possam tomar que satisfaçam os legisladores de extrema direita. Para estes últimos, não há nada a perder ao continuar seu ataque, o que lhes permite dividir a base democrata contra a liderança e a classe de doadores sionistas à qual respondem, aumentando a probabilidade de uma vitória republicana em novembro.

Em 1968, um Partido Democrata dividido entregou a presidência a Nixon, em um momento em que a maioria dos cidadãos dosEUA se opunha à guerra do Vietnã e, paradoxalmente, também se opunha aos manifestantes pela paz. Hoje, a maioria dos eleitores de Biden quer que o genocídio em Gaza seja interrompido, e a maioria dos americanos apoia os protestos estudantis. Isso é uma má notícia para o atual presidente.

Dos seus eleitores de 2020, 10% planejam apoiar Trump agora. Se um número significativo de independentes, que representam 43% do eleitorado, ou 'progressistas' – que somam cerca de 35% e votam de forma fiel nos democratas – decidirem ficar em casa ou apoiar outro candidato, o presidente estará em apuros. Entre o crescente bloco de delegados anti-Biden não comprometidos, o potencial para grandes agitações de massa durante o verão, e os manifestantes planejando se reunir em Chicago para a Convenção Democrata, parece que uma repetição de alguns aspectos de 1968 está na mesa, embora desta vez seja como se um LBJ (Lyndon B. Johnson, ex-presidente) muito diminuído tivesse decidido concorrer à reeleição.

As últimas pesquisas indicam que, se Biden vencer, será porque o aborto mobiliza predominantemente

mulheres brancas suburbanas em número suficiente. A estratégia fracassada dos Democratas em 2016 – ‘para cada democrata da classe trabalhadora que perdemos no oeste da Pensilvânia, ganharemos dois republicanos moderados nos subúrbios de Filadélfia, e você pode repetir isso em Ohio, Illinois e Wisconsin’ – parece ser a única que a liderança é capaz de seguir.

A ocupação de Hamilton Hall em 1968 – protestando contra a cumplicidade da universidade na guerra, sua ganância imobiliária no Harlem e sua abordagem autoritária aos manifestantes estudantis – foi capturada em filme, junto com a retomada brutal do prédio e mais de 700 prisões. Conforme as imagens circulavam, os protestos se espalhavam para escolas secundárias e outros campi em todo o país.

Nos dois anos seguintes, o curso da história mudou.
Võ Nguyên Giáp, arquiteto da Ofensiva Tet, famosamente afirmou que os EUA nunca poderiam ter vencido no Vietnã, independentemente de sua superioridade militar. Por quê? Porque “o fator humano” foi decisivo. Não importava quantos vietnamitas os EUA matassem. Sempre haveria o suficiente disposto a lutar e morrer em defesa de seu país. O objetivo da FNL e de Hanói era quebrar a vontade do governo americano de continuar a guerra. Eventualmente, com ajuda dos movimentos estudantis e anti-guerra dos EUA, eles conseguiram.

Desde então, o chamado fator humano desempenhou um papel crucial em outras lutas anti-imperialistas. A visão do General Giáp permaneceu válida no Brasil, Bolívia, Chile, Angola, Nicarágua, El Salvador, Guatemala, Líbano, África do Sul, Colômbia, Afeganistão, Iraque, Síria e Somália, Cisjordânia e agora Gaza.

Em nenhum desses
casos bombas, artilharia, tortura, tecnologia de vigilância ou contrainteligência, usados tanto pelo exército dos EUA quanto por seus
representantes, asseguraram uma vitória completa para a hegemonia. Movimentos de resistência, alguns deles populares e democráticos, têm persistido.
Tampouco incursões policiais militarizadas, que trazem operações de contra-insurgência para casa, conseguem vencer os fantasmas de

Graças aos organizadores estudantis, juntamente com uma minoria crítica de professores, intelectuais, cientistas, trabalhadores técnicos, advogados, ativistas de direitos humanos e produtores culturais, pessoas em todo os EUA estão se mobilizando em defesa dos direitos da primeira emenda e contra o genocídio de Israel em Gaza.

Eles estão fazendo história e sabem disso. Uma variante cada vez mais autoritária do neoliberalismo não os deterá. Após um eclipse de quarenta anos, poderemos ver o renascimento do que Said chamou de crítica democrática, ou do que Mike Davis chamou de projeto socialista revolucionário, como um antídoto ao nacionalismo étnico-religioso, ao império e à tanatocracia?